

## IDENTIDADE E IDENTIFICAÇÃO: O CORPO GORDO E A MODA PLUS SIZE

Rosane da Silva Gomes<sup>1</sup>

**Resumo:** O texto destina-se a discutir como se dá a construção da identidade das pessoas gordas, ao buscarem a afirmação de seus corpos e a valorização de uma beleza gorda, contrariando os discursos usuais de que os gordos são indivíduos adoecidos e feios. Para tal, embasaremos a discussão em torno dos teóricos que pensam os conceitos de identidade e identificação, como Goffman, Giddens e Maffesoli, analisando a dinâmica nas relações de identificação, os diversos sujeitos imersos em um conjunto de práticas que podem reforçar ou enfraquecer movimentos de pertencimento e exclusão. Também destacaremos o papel da moda Plus Size, ou mais precisamente a moda para gordos, no processo da construção de uma identidade gorda positiva, assim como os mecanismos de identificação entre os indivíduos que fazem parte de grupos de conscientização e ativismo gordo. Analisaremos a diferenciação travada nesses grupos entre *pressão estética* e *gordofobia* para explicar a identidade de gordos maiores e gordos menores e em como, dentro de um mesmo grupo, podemos constatar também uma disputa para a afirmação de uma identidade gorda mais ativa. Ao final, inspirados pelo pensamento de Giddens, tentaremos pensar a identificação como uma espécie de movimento de empatia, possibilitando a experiência dos outros e da identidade num eu e corpo contínuos.

**Palavras-chave:** identidade, identificação, gordofobia, moda plus size

*Quero comunicar quem eu sou e como eu quero ser vista através das minhas roupas. A indústria da moda não considera o meu corpo importante, mas eu considero a Moda importante para que eu me sinta bem comigo mesma. E aí, como a gente faz? Eu, Lina Levien, me rebelo. Eu olho direito nos olhos da indústria da moda e digo “Não. Tu não vais controlar o quê e quando eu visto, tampouco a frequência com que eu compro. Eu vou.” “Eu te desafio.” – ela me diz. Desafio aceito. E de lá pra cá, é o que têm sido, um grande divertido desafio toda a vez que quero comprar uma peça de vestuário. Às vezes perco, mas na maioria delas sou bem sucedida; e às vezes nos encontramos no meio do caminho. Depoimento de Lina Levien no seu Instagran, em 6/02/18*

Ao escolher falar sobre identidade e identificação nas relações que se estabelecem entre as pessoas gordas, penso na importância de refletir acerca de muitas questões relacionadas à aceitação e auto-estima, motes constantes nas discussões sobre os corpos gordos na atualidade.

---

<sup>1</sup> Pós-doutoranda no Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade/ UFBA. asbacantes@gmail.com.

Assim sendo, pensar em identidade, ou identidades, significa refletir sobre as conexões dentro e fora dos grupos, sobre o processo de definição de pertencimento e diferença, a produção simbólica e a delimitação de fronteiras. As pesquisas na área das ciências sociais apresentam a noção de identidade, assim como o processo de identificação, como um dos principais pontos de análise e debate.

De acordo com Woodward (2012), a construção da identidade é tanto simbólica quanto social. Quer dizer que, estruturada a partir da construção de símbolos, a identidade configura e reconfigura as práticas sociais. Além disso, a autora aponta que o processo de construção de identidades também se vincula a causas e consequências materiais. Desta maneira, uma das principais características da identidade é marcação da diferença, estabelecendo relações de pertencimento, participação, igualdade, mas também de segregação e distanciamento (WOODWARD, 2012).

Neste ponto, verificamos o quanto de delimitação se constrói ao se marcar um espaço de identidade dos gordos, ao se afirmarem com seus corpos e ao valorizarem uma beleza peculiar e própria das pessoas gordas.

Seguindo esse pensamento, estabelecem-se críticas a noções originárias de identidade, representando uma essência atemporal e cristalizada. Assim, analisando a dinâmica nas relações de identificação, os diversos sujeitos, individuais e coletivos, se encontram inseridos em um conjunto de práticas que podem reforçar ou enfraquecer movimentos de pertencimento e exclusão.

É importante ressaltar, segundo Tomaz Tadeu da Silva (2012), que a identidade não se opõe à diferença, ou seja, a inclusão não é o oposto da exclusão. Na verdade, a identidade é dependente da diferença, são elementos do mesmo processo, definidos através de sistemas de classificação. A posição dos sujeitos em um sistema de representação também se relaciona com a divisão material e instrumental da sociedade, em uma relação dialógica entre simbólico e social (SILVA, 2012). Assim, para o autor

..., a identidade, tal como a diferença, é uma relação social. Isso significa que sua definição – discursiva e linguística – está sujeita a vetores de força, a relações de poder. Elas não são simplesmente definidas; elas são impostas. Elas não convivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias; elas são disputadas [...] Na disputa pela identidade está envolvida uma disputa mais ampla por outros recursos materiais e simbólicos da sociedade (SILVA, 2012, p.81)

Vale destacar que, seguindo a argumentação deste autor, o posicionamento dos sujeitos em um sistema classificatório não é um processo voluntário e consensual. Este campo simbólico também é um campo de disputas, de discursos, de práticas e ações coletivas. Os fenômenos da inclusão e exclusão em quadros de representação estão marcados através de relações desiguais, mediadas e disputadas pelos indivíduos e grupos. São geradas por mecanismos de reafirmação de poderes. “A identidade e a diferença estão, pois, em estreita conexão com relações de poder” (Idem, p. 82).

As fronteiras delimitam a separação das pessoas em grupos. Ao mesmo tempo que dizem quem está “out”, também determinam quem está “in”, produzindo sentimentos de similaridade e de filiação. As diferenças e similitudes, além de serem definidas e pensadas, são também desempenhadas pelos indivíduos, sendo as fronteiras uma importante forma para a disputa por status e ganhos de poder. Destacamos que as fronteiras não definem somente campos opostos e polarizados, mas que também produzem formas híbridas e outros modos de categorização.

O processo de identificação não é resultante de um caminho de mão única. Defendemos que a identidade deve ocorrer num processo dialógico e dinâmico, permitindo o espaço das práticas sociais na compreensão dos processos de identificação.

O tema da identidade é abordado pelo teórico Maffesoli, ao traçar outros olhares acerca da sociologia na pós-modernidade. A pesquisa de Michel Maffesoli analisa o homem comum e, nele, a passagem de uma forma de identidade (ligado ao ideológico) para uma forma de identificação (ligado ao imaginário). A identidade seria uma característica da modernidade, enquanto a identificação da pós-modernidade. Maffesoli prefere pensar as categorias sociológicas não firmadas nos dualismos entre razão e emoção e assim trabalha com a ideia de sensibilidade pós-moderna que promove mudanças na civilização.

Neste sentido, Michel Maffesoli propõe a substituição da noção de identidade pela de identificação. Enquanto identidade se refere a um modo de ser estável e coerente, identificação diz respeito a “máscaras variáveis”, até mesmo descartáveis, a relações “informais” e “afetivas” entre os sujeitos.

O autor aborda questões que definem a socialidade contemporânea, como também aborda o surgimento das neotribos, rediscutindo a identidade no contemporâneo. Maffesoli (1996) aponta que a discussão sobre o individualismo e, conseqüentemente, da identidade, precisa ser analisada, em conjunto com a reflexão sobre a socialidade, de maneira relativa e

não linearmente nas diferentes configurações históricas. Assim, o autor aborda a ideia de identificação, afirmando que a identidade, como foi conhecida e consolidada na modernidade, não satisfaz para explicar as relações e compartilhamentos que envolvem afeto e sentimentos. Identidade não mais regida pela modernidade, como algo intrínseco ao indivíduo e carregado por ele em todos os contextos e relações cotidianas; não mais a ideia de projeto, de projeção futura e estabilidade.

Maffesoli também salienta a ideia de que a “identidade” possa ser construída a partir da relação com o externo, com o “Outro” e com a comunidade. Seria o que ele denomina como o “mito da identificação”, o que leva as pessoas a realizarem diferentes papéis nas mais diversas socialidades.

Na visão de Maffesoli (1996, p.303), “essa nebulosa da identificação é um dos mitos pós-modernos” e se identificar é fazer parte de uma cultura, em que o essencial não é o objeto da identificação ao redor do qual se forma o corpo social, mas sim o “estar-junto” e experimentar em comum, integrar-se. Assim, “[...] o transe ou a moda mostram-nos a pluralidade das relações que vão constituir a pessoa na sua relação consigo mesmo, com outrem e com o mundo. Ao contrário das atitudes, das representações ou dos modos de vida que tendem a redução, a *reductio ad unum*, elas lembram em maior escala, que os gênios continuam a habitar o espírito e o corpo do homem” (MAFFESOLI, 1996, p. 277). Considerando a relação entre identidade e identificação, ele diz que ela se dá por meio de um processo, uma passagem.

Neste ponto, gostaríamos de problematizar algumas discussões recorrentes em grupos de identificação gorda, que tem sido também um ponto de investigação de nossa pesquisa.

Vez por outra, as discussões giram em torno de gordos maiores e menores e na diferenciação entre pressão estética e gordofobia.<sup>2</sup> Pessoas militantes do movimento gordo sempre salientam tal diferenciação para tentar explicar, dentro de um contexto social, o

---

<sup>2</sup> Marco Aurélio Magoga explica a diferenciação entre esses dois termos em entrevista à Flavia Durante, em publicação do seu blog de 2/03/2018:

Pressão estética é uma pressão social difundida majoritariamente pela mídia, que leva as pessoas a se sentirem insatisfeitas com seus corpos, sempre procurando se encaixar em um padrão (e esse padrão é magro).

A gordofobia vai além de “não se sentir bonito”, como acontece na pressão estética, ela afeta a forma como a sociedade funciona, porque, como eu disse, o mundo é projetado para pessoas magras.

quanto uma pessoa com um peso maior sofre a mais do que aquela que, mesmo considerada gorda, não passa pelos mesmos constrangimentos e dificuldades.

Pensamos que a questão da identificação se coloca de maneira fundamental neste ponto. Pessoas que se veem gordas encontram identificação em grupos de militância e passam a participar das discussões porque, em algum nível, sentem-se deslocadas do padrão imposto pela sociedade. Pela identificação, constroem uma identidade gorda, que na maioria dos casos passa pela questão estética – “quero me afirmar bela, mesmo sendo gorda”. Então podemos notar o quanto importa, para a formação da identidade gorda, uma valorização da beleza que se relaciona com o aspecto físico.

Uma discussão recorrente é sobre a dicotomia entre o corpo do gordo e a moda plus size. Muitas vezes, mulheres e homens gordos reclamam que não se sentem representados nas/nos modelos que fazem a divulgação de roupas para pessoas maiores, a chamada moda PLUS SIZE. Muitos dos que pesquisam sobre o corpo gordo até preferem utilizar a nomenclatura MODA PARA GORDOS, por achar que define melhor a moda para pessoas com pesos maiores e que assim são melhor representadas.

A palavra GORDA ainda é carregada de matizes negativas, sempre associadas ao mau gosto, desleixo, compulsão, falta de controle e o grotesco. Já o termo PLUS SIZE está associado à moda, e suas relações com o belo, o proporcional, o bem vestido são facilmente verificáveis quando fazemos uma rápida busca pelos dois termos no Google Imagens.

Imagens capturadas em pesquisa pela palavra GORDA:







Imagens capturadas em pesquisa pela palavra PLUS SIZE:



Aqui gostaríamos de salientar alguns aspectos que circundam o preconceito contra os gordos. O que me parece fundamental, diferentemente do que ocorre com outras minorias, é que o gordo está alijado da conjuntura aceitável na sociedade apenas por uma questão estética. É o que seu corpo mostra que o torna inaceitável, a repulsa física acarreta o preconceito social. Gordos pertencem a quaisquer classes sociais e, a priori, não se identificam com nenhum grupo “moralmente” transgressor. Também não carregam em si o peso de séculos de discriminação social, por serem de uma etnia específica de dominação. O gordo é excluído por somente ter um corpo com um volume e tamanho maiores.

Tal ponto é bastante relevante quando se pensa a moda também como meio de combate à gordofobia, pois é justamente no aspecto estético que se baseiam todas as falas preconceituosas com relação aos gordos.

Há a chamada “ditadura da beleza” que impõe, principalmente a realidade feminina, uma disputa contra o corpo que foge aos padrões, criando uma luta do indivíduo contra si mesmo e fazendo com que as percepções sobre sua imagem sejam construídas a partir daquilo que o Outro determina, sempre reforçado por um discurso da falta.

Assim, existe uma cobrança principalmente com relação às mulheres, por uma imagem que está incessantemente precisando se aperfeiçoar, fazendo com que tais nesses corpos sintam-se deslocados, sempre em busca de um impossível corpo idealizado.

A imagem construída de um corpo é o reflexo daquilo que se espera dele, a partir de padrões da beleza instituídos socialmente. Assim sendo, as preocupações com o corpo estão subjugadas a um julgamento alheio. Nesse sentido, as pessoas que estão fora dos padrões estéticos estabelecidos sofrem um desânimo perante a constatação de que seu corpo mostra um fracasso no agenciamento do próprio corpo e de seus limites. Esta supervalorização da beleza influencia na construção da identidade pessoal, constantemente em contraponto com um outro corpo, numa atitude de comparação. Esse movimento forma um grupo de pessoas que ficam estigmatizadas. Desse modo, tais pessoas tentam “disfarçar” sua imagem real para assim aumentar suas chances de aceitação social.

Neste ponto faremos uma inserção de alguns aspectos da obra de Goffman a respeito da ideia de estigma, cujo ponto central ressalta os aspectos sociológicos e psicológicos de indivíduos que estão à margem da sociedade. Para o autor, estes indivíduos ficam marcados por conta de peculiaridades físicas e psicológicas, pois eles são considerados como diferentes e inferiores em relação a maioria da sociedade. Para que possam construir uma identidade social, tais indivíduos precisarão lutar por seus direitos.

Goffman analisa a situação de pessoas estigmatizadas e revela os mecanismos dos que estão à margem para sobreviver às vicissitudes. Ao traçar um apanhado histórico a respeito desse tema, vê-se que tais estigmas são aspectos considerados fora dos padrões da normalidade do mundo e das sociedades.

A palavra estigma surge na Grécia Antiga; era uma demonstração para toda a sociedade local das castas no qual cada pessoa pertencia, pois essa era uma forma de diferenciação de cada cidadão grego. Em diferentes sociedades e em diferentes eras, o estigma é fruto do estranhamento inicial que acaba acarretando uma série de percepções negativas e equivocadas:

Enquanto o estranho está à nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser - incluído, sendo, até, de uma espécie menos desejável - num caso extremo, uma pessoa completamente má, perigosa ou fraca. Assim, deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é um estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande - algumas vezes ele também é considerado um defeito, uma fraqueza, uma desvantagem - e constitui uma discrepância específica entre a identidade social virtual e a identidade social real (GOFFMAN, 1988, p.6)

Para Goffman, as pessoas têm uma identidade real e uma virtual. A identidade real é formada por uma gama de atributos que os indivíduos costumam ter, quer dizer, o que seria sua identidade pessoal, todos os seus costumes e preferências. A identidade virtual é formada como um obstáculo, mostrando para os outros indivíduos as características que fingimos ter, para que, desta forma, as pessoas não percebam o nosso verdadeiro eu, restando sempre uma realidade maquiada sobre o que realmente é a identidade pessoal de cada indivíduo.

As pessoas consideradas “normais” impõem para os estigmatizados a forma como eles deveriam ser, deixando-os ainda mais marginalizados. O estigma é um aspecto ruim que deve ser sempre combatido de forma repressora, não permitindo que essas características venham a se destacar.

Para o autor, o estigma é uma identidade deteriorada, devendo ser combatida e evitada, porque é considerada como um elemento negativo dentro da sociedade. Baseados nessa premissa, os discursos contra os corpos gordos são construídos, quase sempre se mostrando preocupados com a saúde dos gordos e com sua perspectiva de vida.



O indivíduo estigmatizado, assim, se vê numa arena de argumentos e discussões detalhados referentes ao que ela deveria pensar de si mesma, ou seja, à identidade de seu eu. A seus outros problemas, ela deve acrescentar o de ser simultaneamente empurrada em várias direções por profissionais que lhe dizem o que deveria fazer e pensar sobre o que ela é e não é, e tudo isso, pretensamente, em seu próprio benefício. Escrever ou fazer discursos defendendo qualquer uma dessas saídas é, em si, uma solução interessante, mas que, infelizmente, é negada à maior parte dos que simplesmente lêem e escutam (GOFFMAN, 1988, p.107,108)

As consequências geradas pela conquista de uma aparência corporal ideal, que favorece o mecanismo de qualificar ou desqualificar as pessoas, levam-nos a refletir como a exigência estética que permeia o cotidiano nos grandes centros urbanos influencia a construção da identidade da população submetida à sua pressão. Tal pressão é bastante incisiva sobre os corpos gordos, que os classificam como doentes e indolentes, gerando uma marginalização advinda do processo de estigmatização desses corpos.

Para aprofundarmos um pouco mais tal discussão, citaremos algumas reflexões de Anthony Giddens, principalmente retiradas do seu livro *Modernidade e identidade*. Ao tratar da identidade, o autor lança questionamentos de como as mudanças na sociedade moderna podem influenciar a formação do EU, criando, a partir das identificações com grupos e culturas, uma auto-identidade.

O ideal de construção da sua própria identidade se distancia de um ser solto, perdido, desorientado e extremamente suscetível à necessidade de velocidade imposta pelo ritmo de vida contemporâneo, gerando uma ansiedade existencial praticamente inevitável. As pessoas se sentem altamente cobradas por resultados positivos, tendo que conviver com pressões externas de serem melhores cada vez mais.

Nessa direção, é fácil sentirem-se desnorteadas e podem se tornar vulneráveis aos discursos que as desqualificam, por não atenderem a um ideal. Giddens examina os impactos desses discursos na vida cotidiana dos indivíduos, que são inescapáveis e nos encerram num mundo de dúvida radical e múltiplas fontes de autoridade. A construção do eu e da identidade é feita de forma reflexiva (os indivíduos sabem o que estão fazendo e por que estão fazendo), mas dentro de variadas opções e de possibilidades de agir. Novas possibilidades num mundo que gera ansiedades.

De acordo com Giddens, o corpo é um dos aspectos fundamentais da construção da auto-identidade. O autor apresenta, baseado em Goffman, a questão de controle do corpo como mecanismo de construção do eu na interação com os outros indivíduos:

O controle regular do corpo é um meio fundamental através do qual se mantém uma biografia da auto-identidade, e no entanto, ao mesmo tempo o eu está quase sempre em exibição para os outros em termos de “corporificação”. A necessidade de manejar esses dois aspectos do corpo simultaneamente, que se origina nas primeiras experiências da criança, é a principal razão por que uma sensação de integridade corporal – de que o eu está seguro no corpo – está tão intimamente ligada à apreciação regular dos outros. O que Goffman chama de “aparências normais” são partes dos conteúdos como o eu, o corpo não pode mais ser tomado como uma entidade fisiológica fixa, mas está profundamente envolvido com os reflexos da modernidade. O corpo era tido como um aspecto da natureza, governado de maneira fundamental por processos “naturais” e apenas marginalmente sujeitos à intervenção do homem. O corpo era um “dado” à parte, muitas vezes inconveniente, do eu. Com a crescente invasão do corpo pelos sistemas abstratos, isso é alterado. O corpo como o “eu”, torna-se o lugar da interação, apropriação e reapropriação, ligando processos reflexivamente organizados ao conhecimento especializado e sistematicamente organizados. (GIDDENS, 2002, p. 59)

Sabendo que o corpo é parte determinante para a construção da identidade humana, cremos que as roupas que o vestem e a moda que conduz as tendências para influenciar tais vestimentas são fundamentais para a compreensão da composição positiva de uma auto-estima. Desta maneira, a reconstrução do corpo é, em parte, motivada por certa insatisfação diante das características naturais do corpo anatômico.

A roupa e a moda podem então se tornar recursos de remodelagem do corpo. Uma transformação no corpo que gera novas configurações acaba por produzir outras significações. E isso surge da necessidade dos indivíduos em constituir sua identidade e de também gerar significação para si e para os outros. Dessa forma, quem faz as roupas acaba por ser uma agente na reconfiguração do corpo através da moda e, assim, influencia as construções simbólicas referentes à visão corporal.

A roupa é um outro tipo de regime. Em todas as culturas, a roupa é muito mais que um simples meio de proteção do corpo — é manifestamente um meio de exibição simbólica, um modo de dar forma exterior às narrativas da auto-identidade ( Idem p. 62).

Voltando aos grupos de discussão no Facebook relacionados à identidade gorda, ao olhar as postagens dos últimos dias, verificamos que quase a metade delas estão ligadas à moda, roupas e tendências. Muitas vezes, as postagens falam de um descontentamento com

relação à falta de opções de roupas para os gordos. Procuram um tipo específico de roupa, uma padronagem, roupas mais baratas ou algo que seja mais moderno e jovem. E tais reclamações surgem tanto de gordos menores, como de gordos maiores.

Isso indica que, apesar de tantas ações afirmativas com relação aos corpos gordos nestes últimos tempos, a indústria da moda e o próprio consumo ainda não atendem de modo satisfatório esse público que compõe uma parte significativa da população brasileira. O que significa que os consumidores gordos ainda não foram incluídos nas engrenagens que alavancam e mantêm a estrutura da moda funcionando: seus corpos deixaram de ser ignorados, estigmatizados pela mídia, mas ainda não completamente pela indústria da moda, que não considerou de fato esses corpos como uma fatia representativa no mercado que pode ser bastante lucrativa.

A observação de campanhas publicitárias de grande alcance midiático voltadas a esse nicho mercadológico concretizou modos como se produz uma euforização e efeito de “real beleza” em padrões outros que não sejam apenas o dos discursos da “magreza”. Ademais, destacou-se o fato de que as mídias expõem positivamente plus-size, mas que a indústria e o mercado da Moda e do consumo ainda não estão respondendo com satisfação a esse público (salvo poucas iniciativas de algumas marcas e lojas, e principalmente de ações de oferta e venda de produtos que se desenvolvem por meio das redes sociais). Finalmente, é preciso reconhecer, não obstante a grandiosidade das campanhas da “real beleza”, que ainda estamos presos a modelos de corpos “medidos”. Os perfis de modelos plus-size pautam-se em modelos bastante simétricos, embora diferentes dos modelos de corpos macérrimos com os quais disputam espaço. Além disso, questiona-se, por vezes, a presença de uma modelo para apresentar uma coleção de plus-size, considerando que o seu corpo não corresponde ao corpo desse público-alvo. De uma maneira ou de outra, apesar da investida midiática que amplia os parâmetros de beleza, os corpos apresentados não abarcam a diversidade de corpos existentes. (MARTINS; VILELA, 2015).

Retornando a Giddens, para que tal configuração mude e que pessoas acima do peso possam se afirmar em sua identidade gorda, é necessário pensar em outras formas de aceitação dos corpos fora dos padrões aceitáveis na sociedade.

A proposta da “política-vida” é o argumento final de *Modernidade e Identidade*. Giddens apresenta sua concepção de política emancipatória como sendo uma política voltada para a libertação, justiça e igualdade social, enquanto a política-vida, através do privilégio da

reflexividade, possibilitaria ao sujeito ser autor do seu projeto de vida, decidindo o estilo de vida que ele adotaria, decisão produto de sua liberdade de escolha e do seu poder como capacidade transformadora. “A emancipação pressupõe uma transformação na política-vida” (Idem, p. 211).

Desta forma, seguindo o pensamento de Giddens, podemos pensar a identificação como uma espécie de movimento de empatia, possibilitando a experiência dos outros e da identidade num eu e corpo contínuos. Vivenciamos atualmente um estado de urgência, em que se verifica a necessidade premente por mudanças. A falta de empatia é uma problemática real vivenciada cotidianamente, decorrente da onda do individualismo e da globalização.

Desta forma, posso viver plenamente com o corpo que trago em mim, ao descobrir positivamente que outros corpos como o meu estão igualmente satisfeitos em suas configurações. Ao nos depararmos com pessoas felizes com seus físicos, podemos verificar uma ruptura nos modos de pensar os corpos a partir de padronizações. Tal pensamento empático proporciona uma quebra nas normas culturais que reproduzem as desigualdades, ao mesmo tempo que luta por rupturas com os discursos hegemônicos e com os assujeitamentos.

### **Referências:**

- GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988.
- MAFFESOLI, M. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2010.
- \_\_\_\_\_. **No fundo das aparências**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.
- MARTINS, Marcelo Machado. VILELA, Ilca. Susana. Lopes. (2015) **Corpos em construção midiática e mercadológica**. Anais do 10ª Colóquio de Moda. Curitiba, 2015.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**/. Tomaz Tadeu da Silva (org.) Stuart Hall, Kathryn Woodward. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 12. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2012. p. 7-72.